



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

Rebeca Raimundo Cardoso dos Santos

DRE: 117038332

Rio de Janeiro

Janeiro – 2023

Rebeca Raimundo Cardoso dos Santos

**PROSÓDIA REGIONAL E A INTERFACE FONOLOGIA-SINTAXE: O
DESGARRAMENTO NO DIALETO PORTO-ALEGRENSE**

Monografia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Licenciatura e Bacharelado em Português/Inglês.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Aline Ponciano dos Santos
Silvestre

Rio de Janeiro

2022.2

**PROSÓDIA REGIONAL E A INTERFACE FONOLOGIA-SINTAXE: O
DESGARRAMENTO NO DIALETO PORTO-ALEGRENSE**

REBECA RAIMUNDO CARDOSO DOS SANTOS

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Aline Ponciano dos Santos Silvestre

Monografia submetida ao setor de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a formação em Licenciatura em Letras Português-Inglês.

Examinada por:

Prof^a. Dr^a. Juliana Esposito Marins (UFRJ)

Prof^a. Dr^a. Aline Ponciano dos Santos Silvestre (UFRJ)

Rio de Janeiro
Janeiro de 2023

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por seu amor e misericórdia infinitos, pelo cumprimento de suas promessas e por me levar a lugares que nunca antes cogitei estar.

À minha família, da qual destaco minha mãe Nilzete, que com sua força e coragem me ensinou a lutar pelos meus sonhos e me encorajou a ocupar um espaço que a ela nunca foi oportunizado: a Universidade Pública.

À esta, a UFRJ, agradeço por, ao longo destes 5 anos, ter me acolhido e me formado enquanto pessoa & pesquisadora & profissional.

Aos amigos que conquistei na filha de Minerva, dentre os quais não poderia deixar de citar Yasmim, Milene e Luan, que não fossem o suporte emocional, acadêmico e as mãos que seguraram as minhas, não fecharia este ciclo de forma tão abençoada.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Aline Ponciano dos Santos Silvestre, por me inspirar, desde o segundo período, a ser uma mulher brilhante, doce e empática e, especialmente, por ter me apresentado aos estudos de prosódia.

Ao Propor, por ter me presenteado com colegas de pesquisa queridos, dos quais devo citar Fernando, Leandra e Victória, que com seus conselhos, afeto e gentileza muito me auxiliaram durante o processo de escrita desta monografia.

Ao meu melhor amigo, Matheus, que, desde 2017, tem me agraciado com seu carinho, apoio, compreensão e cuidado; obrigada por acreditar em mim e por nunca ter me deixado desistir. Parte desta conquista é sua também.

Às minhas amigas-irmãs Paolla, Brenda, Lara, Gabriely, Milena, Rebeca e Emilly, que sempre torceram por mim e têm sido a minha família e meu suporte emocional no Rio de Janeiro.

À Mayana, Aline, Vivian e Mayara, minhas meninas Ipeanas, que desde 2021 trazem leveza à minha rotina e me possibilitaram seguir na área que eu tenho amado mais dia após dia.

Aos amigos que não citei, mas que igualmente fazem parte da minha jornada e moldaram a Rebeca que sou hoje. Amo vocês!

RESUMO

Neste trabalho, analisam-se características prosódicas de orações adverbiais desgarradas no falar de Porto Alegre (POA), com o propósito de verificar que propriedades da prosódia possibilitam a compreensão dessa oração “solta” na variedade portoalegrense do português. O corpus de análise é formado por orações adverbiais anexadas à oração matriz e por orações adverbiais desgarradas totais, lexicalmente idênticas, para fins de comparação dos parâmetros prosódicos de duração, contorno entoacional e gama de variação de F0. São utilizados os pressupostos da Fonologia Prosódica (NESPOR e VOGEL, 2007) e da Fonologia Entoacional Autossegmental e Métrica (LADD, 2008) para a descrição e análise de dados, com o objetivo de perceber a dita oração desgarrada como um constituinte fonológico completo, isto é, um sintagma entoacional (IP). Resultados preliminares, após análise de 339 dados, apontam que as orações desgarradas de POA também são materializadas de forma específica, especialmente com maior duração das sílabas no fim do IP. Para além das características prosódicas que singularizam o fenômeno sintático já descritas por Silvestre (2017; 2021) para a variedade carioca do português – como o alongamento das sílabas finais do IP –, foram também observadas características regionais previamente descritas para a asserção neutra em Porto Alegre (CUNHA, 2000; SILVESTRE, 2012), materializada especialmente por uma fronteira complexa HL% no fim do IP, o que ratifica a importância de investigarmos tal variedade regional.

Palavras-chave: orações desgarradas; entoação regional; prosódia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 REVISÃO DA LITERATURA	11
1.1 O que (não) diz a Gramática Tradicional acerca do desgarramento?.....	11
1.2 Contribuições de Decat para o estudo do desgarramento sintático.....	12
1.2.1 A noção de unidade de informação.....	13
1.3 Desgarramento à luz do Funcionalismo.....	14
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1 As fonologias prosódica e entoacional.....	15
2.2 Trabalhos comparativos: o que resultados pesquisados previamente têm demonstrado?.....	17
3 METODOLOGIA.....	18
3.1 Corpus.....	19
4 RESULTADOS.....	22
4.1 As orações não desgarradas na variedade porto-alegrense.....	22
4.2 As orações desgarradas totais na variedade porto-alegrense.....	25
4.3 Delimitação dos resultados: conclusões acerca do desgarramento na capital gaúcha.....	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	33

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1: Enunciado “Manda pelo correio”. Fonte: Silvestre (2012, p. 87)	18
Fig. 2: [Se a Joelma ganhasse ia fazer tudo isso]. Não desgarrada em POA, informante 2.....	23
Fig. 3: [Se a Joelma ganhasse ia fazer tudo isso]. Não desgarrada em POA, informante 1	23
Fig. 4: [Quando Carla imagina sempre acha que o pior vai acontecer]. Não desgarrada em POA, informante 1.....	25
Fig. 5: [Quando Carla imagina]. Desgarrada em POA, informante 1.....	26
Fig. 6: [Já que o Leandro procura faremos o que foi pedido]. Não desgarrada em POA, informante 2.....	26
Fig. 7: [Já que o Leandro procura]. Desgarrada em POA, informante 2.....	26

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1: contornos finais predominantes em cláusulas não desgarradas em POA, informantes 1 e 2.....	24
Tabela 2: duração média em cláusulas não desgarradas em POA, informantes 1 e 2....	24
Tabela 3: média da variação de F0 na melodia mínima em cláusulas não desgarradas em POA, informantes 1 e 2.....	25
Tabela 4: contornos predominantes em cláusulas desgarradas em POA, informantes 1 e 2.....	27
Tabela 5: duração média em cláusulas desgarradas em POA, informantes 1 e 2.....	27
Tabela 6: média da variação de F0 na melodia mínima em cláusulas desgarradas em POA, informantes 1 e 2.....	28
Gráfico 1: contornos predominantes da melodia mínima: total.....	29
Gráfico 2: duração média das sílabas da melodia mínima: total.....	30

INTRODUÇÃO

A monografia que aqui se desenha propõe-se a analisar o fenômeno conhecido como desgarramento, a partir de orações do português brasileiro verbalizadas por informantes do Sul do Brasil, especificamente da cidade de Porto Alegre. A partir de uma investigação pautada em uma revisão integrativa, almeja-se observar o funcionamento, na língua falada, de estruturas sintáticas que, segundo a tradição gramatical, não são factíveis devido ao seu caráter, em tese, totalmente subordinável.

Entre algumas das acepções encontradas para o termo *desgarrar*, de acordo com o dicionário Oxford Languages, merecem destaque para o que se intenta abordar neste trabalho as definições expostas a seguir: “apartar(-se) do rumo; *desviar(-se)*; extraviar(-se); *afastar(-se)* (de pessoa, *grupo*, rebanho); separar(-se); distanciar-se de (algo)” (Oxford Languages, grifo nosso). Diante disso, pensar no fenômeno do desgarramento é justamente considerar um tipo de estrutura gramatical que, diante do que se entende pela gramática tradicional, doravante GT, não poderia existir, pois estando abarcada no rol das orações subordinadas, precisaria, necessariamente, estar estruturalmente integrada a uma oração dita principal. Logo, tais orações figurariam, a pensar através desta perspectiva, como desvios, pois infringem os postulados da maioria dos compêndios de regras linguísticas.

Sabe-se que há demasiada diversidade no conjunto das orações caracterizadas como subordinadas. Entre os três tipos propostos pela GT (CUNHA e CINTRA, 2013) – isto é, substantivas, adjetivas e adverbiais – têm ganhado destaque para os estudos funcionalistas sobre o desgarramento estas últimas, devido à heterogeneidade presente em suas descrições, inclusive pela GT.

Os trabalhos de Decat (1999; 2011, entre outros), precursores nos estudos prosódicos das orações a serem analisadas neste trabalho, se debruça sobre orações desgarradas no âmbito do texto escrito. A autora, inclusive, é a responsável por cunhar o termo “desgarramento” no português brasileiro (cf. DECAT, 2011, p. 15), desbravando caminhos, através de uma vasta coletânea de trabalhos, para que estudos comparativos, ao longo dos anos, pudessem tomar forma, através da perspectiva, também, de outros estudiosos. Sentenças como “Esse caso com a modelo Lilian Ramos realmente foi uma tragédia. **Apesar de Itamar ser um senhor solteiro e o ambiente ter sido de**

Carnaval”, na qual a segunda porção da frase apresenta relativa independência em relação à cláusula matriz (chamada *principal* pela GT), podem ser consideradas como exemplo do fenômeno de desgarramento. Tal independência é representada, na perspectiva do texto escrito, através do uso de pontuação não canônica ao final do primeiro período.

No entanto, há ainda um tipo oracional, também desgarrado, que difere deste último por não manter qualquer relação com uma oração matriz, como aponta a autora, através de exemplos do tipo: “Se eu ganhasse na Sena...” (DECAT, 2011) e “Se eu pudesse e se o meu dinheiro desse...” (SILVESTRE, 2017). Tais orações, mais frequentemente percebidas no âmbito do texto falado, diferem do primeiro exemplo por se constituírem, no âmbito sintático, de forma totalmente independente, isto é, suas ocorrências não dependem de quaisquer orações principais para que façam sentido/sejam entendidas. É o contexto (juntamente com a prosódia, que temos por hipótese) que propicia sua compreensão. A estas orações, Silvestre (2017) batiza sob o título de *desgarradas totais*, pois, segundo a autora, não é possível recuperar uma oração matriz textualmente, já que, sozinhas, elas possuem “toda a informação necessária à sua interpretação” (SILVESTRE, 2017, p. 23). As orações canônicas, chamadas pela autora de *não desgarradas*, ao contrário, são caracterizadas, como aponta Silvestre (2017, p. 23), por estarem em constituição com as orações principais às quais se subordinam. Estas serão utilizadas, neste trabalho, de forma comparativa com as desgarradas totais.

Como aponta Silvestre (2017), na modalidade falada da língua, o desgarramento é sustentado, não só no português brasileiro (PB) como também no português europeu (PE), “pela maior duração nas sílabas finais do IP das orações desgarradas totais, gerando alongamento que concede peso à estrutura e permite o entendimento da oração adverbial sozinha como uma informação completa”. Neste sentido, este trabalho, fruto de um projeto de pesquisa que vem se desenvolvendo desde 2018, almeja investigar as propriedades prosódicas de orações desgarradas proferidas por informantes de Porto Alegre, de modo a observar se as pistas prosódicas que sustentamos como hipóteses exercem impacto relevante na caracterização do fenômeno em voga. A importância de tal estudo reside no fato de podermos contribuir para o mapeamento do funcionamento do desgarramento nas variedades do PB. A partir dos resultados que aqui serão discutidos, será possível averiguar se traços fonéticos previamente descritos para POA

em outros estudos prosódicos (CUNHA, 2005; SILVESTRE, 2012; CASTELO, 2016), também se manifestam em orações desgarradas ou se são neutralizadas pela especificidade da estrutura sintática.

A partir do panorama até aqui exposto, esta monografia será dividida em cinco seções. Na primeira, será realizada uma breve revisão da literatura acerca do tema, passando pelo que (não) diz a GT a respeito do desgarramento, em direção às contribuições de Decat para este estudo, incluindo-se uma subseção sobre a noção de unidade de informação, que bastante contribui para o entendimento do fenômeno. Além disso, discutiremos, também, ainda neste capítulo, o fenômeno do desgarramento à luz da teoria funcionalista, posto que tal corrente teórica é fundamental para compreender o que vai além da estrutura gramatical e, conseqüentemente, como é possível a realização, na fala, de exemplos como os que serão estudados através deste trabalho.

A segunda seção fica a cargo da fundamentação teórica do tema, no qual serão discutidas as teorias da fonologia prosódica, da fonologia entoacional e, por fim, os pressupostos do modelo autosegmental e métrico. Em seguida, terá início o olhar para trabalhos comparativos que nos ajudarão a compreender o que resultados previamente obtidos têm demonstrado.

O processo metodológico será explicitado na terceira seção, em que veremos o corpus utilizado para a análise das orações desgarradas e não desgarradas, e como se deu o processo de análise desse corpus.

Na penúltima seção, isto é, a quarta, olharemos para os resultados obtidos dessa análise, através das pistas prosódicas de frequência fundamental (F0), duração e gama de variação de F0. A descrição de tais resultados se dará tanto para as orações não desgarradas quanto para as desgarradas totais. Ainda, uma última subseção será dedicada à delimitação dos resultados, com algumas conclusões acerca do desgarramento no dialeto porto-alegrense e os próximos passos almejados para a continuidade da pesquisa.

Por fim, no item cinco, teremos as considerações finais acerca deste trabalho, com um resumo sobre o que fora discutido e a importância de estudos sobre o desgarramento para o âmbito educacional.

1 REVISÃO DA LITERATURA

1.1 O que (não) diz a gramática tradicional acerca do tema?

Ao descrever os tipos de relações advindas do período composto, as GTs baseadas na Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) compreendem apenas duas formas de articulação entre as sentenças, sendo elas a coordenação e a subordinação. Enquanto a primeira é caracterizada pela autonomia entre as sentenças que formam o período, a segunda é relegada como característica principal a relação de dependência/ligação à oração matriz. Isto posto, todos os tipos oracionais existentes no âmbito do período composto são descritos, na perspectiva formal da GT, como pertencentes a um dos dois grupos.

Bastos (2019), em trabalho voltado para a curadoria de como o uso do desgarramento em produções textuais na escola de base (mais especificamente em turmas de EJA) tem sido encarado pelos docentes, traz algumas considerações importantes sobre o olhar da gramática normativa para o tema. Na terceira seção, ao apresentar definições sobre subordinação extraídas das principais GTs brasileiras, bem como de alguns livros didáticos, chama atenção o fato de as propostas se restringirem apenas ao nível sentencial, além dos equívocos presentes nas noções de dependência, sejam elas semânticas, formais ou sintáticas.

Entre alguns dos trechos selecionados, cabe destaque o do livro didático escrito por Oliveira et al., de 2009, que aborda a oração subordinada como aquela que “**expressa uma ideia incompleta.** (...) está ligada **necessariamente** a uma outra oração, chamada principal.” (OLIVEIRA et al., 2009, p. 76 *apud* BASTOS, 2019, p. 17, grifo nosso). Ou seja, ao restringir a definição a tal ponto, nem sequer se abre margem para a consideração dos casos que fogem a esse escopo.

Nos raros casos em que ocorrências do que entendemos por desgarramento é abordado, temos sempre uma associação ao erro, a algo negativo, ou, a depender de quem faz uso, uma associação vinculada ao estilo: “Há um caso de ‘período gramatical, que constitui verdadeira **‘anomalia’ gramatical**, senão licença da parte de certos autores demasiado liberais na construção da frase” / “(...) porque importa ficar o período

sem oração principal, **o que é evidentemente absurdo**” (GÓIS, 1955, p. 15 *apud* BASTOS, 2019, p. 19).

Quando vinculadas ao estilo, a autora menciona o exemplo da obra de Garcia, de 2006, que, ao tratar o desgarramento sob o título de “frases fragmentárias”, menciona que “só os autores experimentados, só os grandes escritores sabem quando e como desprezar certos preceitos gramaticais para obter efeitos estilísticos abonadores”, ao passo que, quando tais ocorrências “resultam de incúria ou ignorância, tornam-se vícios lastimáveis” (GARCIA, 2016, p. 136 *apud* BASTOS, 2019, p. 21). Tais constatações ratificam que, além do caráter linguístico, há questões sociais envolvidas no julgamento quanto ao uso do desgarramento.

1.2 Contribuições de Decat para o estudo do desgarramento

Os estudos de Decat (1999; 2011, entre outros) nos fornecem um valioso arcabouço teórico para entender melhor o fenômeno do desgarramento. Tomando como base uma análise funcional-discursiva, isto é, levando-se em consideração a função comunicativo-interacional do uso da linguagem, a autora advoga acerca da importância de se delimitar o *tipo* de dependência quando da conceituação de orações subordinadas *versus* coordenadas.

Os equívocos derivados disso podem ser da ordem semântica, quando se assume que as subordinadas não podem constituir enunciados, ou que a cláusula principal sempre carrega a informação mais importante. No campo da dependência sintática, o que prevalece são as noções de nuclearidade e periferia, sendo as orações subordinadas quase sempre vistas como porção acessória do período. Enquanto isso, no que diz respeito à noção formal, é frequente ver a GT atrelar as definições de subordinação à presença de marcas formais, como o uso de conectivos. Em relação a isso, Decat (2011, p. 24) salienta que,

na caracterização da dependência de uma cláusula a outra, o parâmetro formal apresenta-se como o mais utilizado. Entretanto, conforme ressalta Thompson (1984), uma análise que fique presa exclusivamente a indicadores formais terá, forçosamente, de considerar a cláusula subordinada como dependente.

Tendo em vista a noção de dependência, a autora classifica as subordinadas a partir de dois grupos, esclarecendo que essa distinção não se dá em função dos tipos de

dependência, mas sim, entre dependência e integração estrutural: i) encaixadas; e ii) hipotáticas. No grupo das encaixadas temos cláusulas classificadas como dependentes, estruturalmente integradas a outras cláusulas, além de exercerem função gramatical que se realiza em constituição com um item lexical. Neste grupo podem ser alocadas as orações tradicionalmente conhecidas como substantivas e adjetivas restritivas. Enquanto isso, o grupo das encaixadas caracteriza-se por cláusulas menos dependentes, que constituem opções organizacionais do discurso, “das quais emergem proposições relacionais (inferências), podendo constituir, elas mesmas, unidades de informação à parte” (SILVESTRE, 2017, p. 29). Entre as orações tradicionalmente conhecidas como parte do grupo das hipotáticas, temos as adjetivas explicativas e as adverbiais.

1.2.1 A noção de unidade de informação

Ao comentar sobre as estruturas de hipotaxe serem menos dependentes e, portanto, mais propensas ao desgarramento, Decat (2011) aponta para o fato de tais construções poderem formar unidades de informação por si mesmas.

A autora remonta ao postulado por Chafe (1980), que observa que a fala espontânea é produzida em séries de jatos curtos, ou *information units/information blocks/ idea units*, os quais contêm "toda a informação que pode ser 'manipulada' pelo falante num único foco de *consciousness* [estado de consciência]" (DECAT, 2011, p. 28). Assim, a autora esclarece que a unidade de informação "expressa o que está na memória de médio prazo" (*op cit.*, p. 29), e pode ser caracterizada por três fatores: i) a entonação; ii) a pausa; e iii) a tendência a constituir uma única cláusula.

Com esta conceituação em mente, Decat recapitula a discussão sobre o critério *dependência*, indicando que, ao constituir uma unidade informacional por si, uma cláusula adverbial, por exemplo, será considerada uma construção hipotática e, portanto, será **independente**, pois se apresenta como uma opção de organização do discurso. O contrário vale para uma construção encaixada. Assim, a relação de dependência não subsiste em termos sintáticos, mas sim, em relação ao contexto semântico, já que

as cláusulas adverbiais isoladas, desgarradas, subsistem sem a oração matriz por estarem subordinadas ao contexto pragmático - discursivo, o que nos esclarece que o termo desgarramento é intrinsecamente ligado à sintaxe, à não articulação entre duas cláusulas: a cláusula desgarrada existe porque **não há dependência sintática**, havendo isolamento em relação à cláusula núcleo, todavia, **há dependência**

pragmático-discursiva, sendo impossível seu isolamento em relação ao contexto (SILVESTRE, 2017, p. 35, grifo nosso).

Portanto, encarar o desgarramento com base em perspectivas que vão além do âmbito sintático é de fundamental importância para ampliar a visão dicotômica entre certo e errado que tem predominado no ensino de base. A partir disso, a próxima seção será dedicada a uma breve discussão acerca do desgarramento a partir de um olhar funcional-discursivo.

1.3 Desgarramento à luz do Funcionalismo

A corrente linguística conhecida como gerativismo tem como foco o olhar para a competência linguística dos falantes, em termos da capacidade inata de se comunicarem e de se desenvolverem linguisticamente, sendo, portanto, mais abstrata; seu intuito é a observação do funcionamento da mente, e o que leva as estruturas linguísticas a serem geradas, sem focar, no entanto, nas estruturas por si mesmas.

O funcionalismo, por outro lado, tem como ponto de partida o desempenho linguístico dos falantes de uma língua. Seu foco de estudo são as relações entre estrutura gramatical e os contextos comunicativos nos quais tais estruturas se realizam. Logo, tendo em vista a primazia do olhar para o contexto comunicativo e, conseqüentemente, a análise do objeto de estudo a partir do uso, o desgarramento tem sido um tema de demasiado interesse para os estudos funcionalistas.

Como aponta Silvestre (2017, p. 25), "os funcionalistas percebem a língua como um instrumento de interação social, interessando-os as investigações linguísticas de dados reais e que vão além da estrutura gramatical". Nesse sentido, inicialmente, olha-se para o fenômeno do desgarramento fundamentando-se numa análise funcionalista, a medida em que o termo foi cunhado e revisitado a partir de tal base teórica. Posteriormente, quando da análise fonológica da pesquisa, adota-se uma abordagem formal, em virtude da observação das estruturas selecionadas para a análise do corpus se darem através de uma visão integrada entre as fonologias de base prosódica e entoacional, cujas abordagens partem de um olhar gerativista. É através desta visão integrada que partimos da hipótese de que é a prosódia que confere gramaticalidade às

estruturas desgarradas (hoje também denominadas insubordinadas¹ em algumas análises funcionalistas).

Assim sendo, fazemos breve explicitação das correntes fonológicas acima mencionadas na seção 2, a seguir, para posteriormente explicitarmos nosso corpus e seu processo de análise.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 As fonologias Prosódica e Entoacional

Nespor e Vogel (1994), em estudo voltado para a descrição de teorias fonológicas, tecem uma crítica em relação ao fato de, inicialmente, a teoria gerativa limitar as relações entre fonologia-outras áreas da gramática somente à inter-relação com a sintaxe. Assim, as autoras advogam acerca da importância do olhar complementar entre os componentes da gramática, salientando que se abre mão de uma visão homogênea sobre a fonologia, observando-a como “um subconjunto de subsistemas em interconexão, cada um governado com princípios próprios” (NESPOR e VOGEL, 1994, p. 13).

Nesse sentido, a corrente fônica é dividida em constituintes prosódicos que são organizados de maneira hierárquica. Tais constituintes são delimitados a partir de características diversas, que vão de modificações segmentais a mudanças fonéticas menos perceptíveis. De acordo com o que postulam as autoras, tais constituintes são organizados, de maneira decrescente, da seguinte forma: i) o enunciado fonológico (U - *utterance*); ii) o sintagma entoacional (IP - *intonational phrase*); iii) o sintagma fonológico (PhP - *phonological phrase*); iv) o grupo clítico (CG - *clitic group*); v) a palavra prosódica (PW - *phonological word*); vi) o pé (F - *foot*); e vii) a sílaba (S - *syllable*).

Conforme já assinalado, tendo em vista a não homogeneidade da fonologia, a teoria em questão postula que esta área linguística não se traduz de forma independente, ao contrário, se realiza em interface com a estrutura sintática. Entretanto, nos níveis mais altos dos constituintes na hierarquia a relação entre fonologia e sintaxe se faz muito mais restrita. Não obstante, as autoras ressaltam também que não há

¹ O termo insubordinação foi cunhado por Evans, em 2007, para descrever cláusulas estruturalmente idênticas às subordinadas mas que, na empiria, ocorrem de forma independente, sem que estejam vinculadas a uma oração principal (cf. BARONI e RODRIGUES, 2021).

correspondência biunívoca entre os constituintes prosódicos e os constituintes sintáticos, tendo as noções semânticas papel importante nos níveis mais altos e, inclusive, as duas últimas categorias (IP e U) caráter mais universal entre as línguas (NESPOR e VOGEL, 1994).

Na organização dos constituintes prosódicos, para além dos processos do âmbito fonológico que permitem sua hierarquização, de acordo com Nespor e Vogel (1994), tais constituintes proveem “estruturas relevantes para o primeiro nível de processamento da percepção da fala, o *parsing* inicial, fornecendo ao ouvinte a base para a reconstrução da estrutura sintática e para a compreensão da mensagem transmitida por uma dada sequência” (SILVESTRE, 2018, p. 75). Ou seja, são os constituintes prosódicos, ao invés dos sintáticos, “os que proporcionam a informação relevante na primeira etapa de processamento de uma sequência de fala” (NESPOR E VOGEL, 1994, p. 75, tradução nossa), além do fato de “toda distinção sintática não refletida na estrutura prosódica não pode[r] ser captada nesse nível de percepção” (NESPOR E VOGEL, 1994, p. 288, tradução nossa).

Assim, serão considerados os três últimos níveis da hierarquia prosódica para proceder à análise da estrutura entoacional das cláusulas desgarradas, isto é, o domínio de contorno entoacional (IP), do enunciado (U, do significado) e da palavra fonológica (PhP). Para a formação do domínio de PhP, Frota (2000) descreve como sendo configurado a partir da cabeça de uma categoria lexical associada à sua projeção máxima. Em relação à formação do IP, Frota (2000) descreve que sua construção deve estar sujeita aos constituintes incluídos em um IP terem de apresentar “uma relação cabeça/complemento” (FROTA, 2000, p. 365).

De forma integrada à fonologia prosódica, tomamos por base para a investigação do funcionamento das desgarradas no falar porto-alegrense a abordagem considerada pelo modelo autosegmental e métrico (AM), da fonologia entoacional, cujos postulados têm se dado através de estudiosos como Pierrehumbert (1980) e Ladd (2008).

Tal modelo prevê a caracterização da entoação a partir de dois tons, isto é, um tom alto (H- *high*) e um tom baixo (L- *low*), no qual a constituição das melodias se dá pelo uso de sequências combinatórias a partir desses tons. Para a descrição de tais

constituições melódicas, são utilizados dois tipos de eventos tonais: i) os acentos tonais (*pitch accents*); e ii) os tons de fronteira (*boundary tones*).

Em i) temos a indicação do acento lexical por meio do uso de um asterisco (e.g. L*), o qual alinha-se, necessariamente, às sílabas acentuadas (isto é, as tônicas) (CUNHA, 2000). Podem ser simples (um tom, e.g. L* ou H*) ou bitonais/complexos (dois tons, e. g. L*+H, L+H*, H*+L, H+L*). No que diz respeito aos tons de fronteira, Silvestre (2018, p. 294) esclarece que, como o próprio nome indica, “são ligados a fronteiras de constituintes e caracterizam a modulação melódica no fim de um domínio prosódico”, sendo esse evento representado pelo símbolo % à direita dos tons, dividindo-se em simples (H% ou L%) ou complexos (LH% - ascendentes; HL% - descendentes).

2.2 Trabalhos comparativos: o que resultados pesquisados previamente têm demonstrado?

Frota e Vigário (2000), em trabalho comparativo sobre entoação e ritmo no PE e no PB, realizado sob a ótica integrada da hierarquia prosódica e a Fonologia Entoacional, revelam resultados interessantes no que diz respeito à entoação. Os estudos das autoras demonstraram que os eventos tonais estão diretamente relacionados à quantidade de sílabas que antecedem a sílaba tônica. Ou seja, se houver duas ou mais sílabas precedendo a sílaba tônica, há a adição de um evento tonal (H) na palavra fonológica:

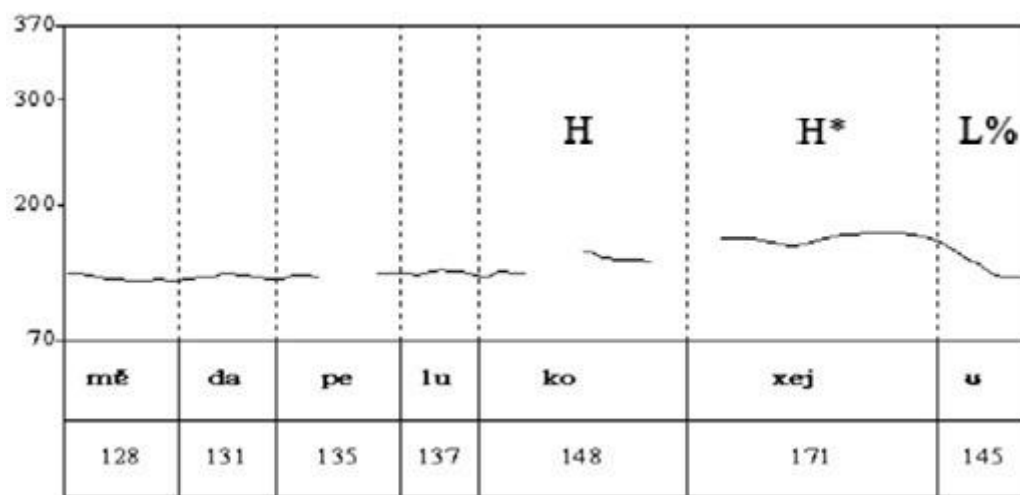
Em síntese, o estudo comparativo das pesquisadoras conclui que o PhP é um domínio entoacionalmente “robusto” no PB, mas não no PE e que, além da importância dos domínios do IP e do PhP para a organização entoacional do PB, há influência do tamanho do enunciado para a atribuição de tons (SILVESTRE, 2017, p. 61).

Portanto, tais resultados ratificam a escolha do constituinte prosódico de sintagma fonológico (PhP), em conjunto aos outros 2 domínios acima na hierarquia prosódica, para a análise do desgarramento no dialeto porto-alegrense. Isto devido ao fato de, como indicam as palavras de Silvestre (2017), ser o PhP um domínio “entoacionalmente robusto”.

Descrições anteriores de orações assertivas em Porto Alegre (CUNHA, 2005; CASTELO, 2016; SILVESTRE, 2012) apontam para a existência de um tom alto na última sílaba tônica de enunciados proferidos por informantes gaúchos. Cunha (2005)

propõe a notação H+H*L% para a melodia mínima da asserção neutra no dialeto em questão, e em trabalho anterior (2000), indica que “a relação pretônica-tônica opõe, de forma geral, Porto Alegre a todas as outras cidades, pois há, na fala gaúcha, uma elevação da F0, em direção à sílaba tônica, elevação esta contrária à queda observada nas outras localidades” (CUNHA, 2000). Semelhantemente, Silvestre (2012), em trabalho dedicado à descrição da variação regional da entoação em asserções neutras em 25 capitais brasileiras, descreve um “tom baixo no acento pré-nuclear, seguido de tons semelhantemente baixos até que haja, na última sílaba pré-tônica do enunciado, a ascensão da F0 que alcança seu pico na tônica final para, então, decrescer na última sílaba pós-tônica” (SILVESTRE, 2012, p. 86). Assim, a partir da observação dos dados, que diferem, para as 3 cidades da região Sul, de todas as outras regiões pesquisadas (estas obtiveram notação H+L*L%), nota-se que a marcação do acento nuclear para as 3 últimas sílabas obteve movimento circunflexo, o que resulta na mesma notação utilizada por Cunha (2005), isto é, H+H*L%. A figura a seguir ilustra a descrição do padrão fonológico encontrado:

Figura 1: Enunciado “Manda pelo correio”, dito por informante de POA. Fonte: Adaptado de Silvestre, 2012, p. 87.



Com isso, os resultados atestam que o padrão caracterizado por um tom alto na sílaba tônica do IP pode representar uma característica regional saliente e, portanto, relevante para o estudo do desgarramento no dialeto em questão.

3 METODOLOGIA

Com base nas teorias de fonologia prosódica e entoacional descritas anteriormente, bem como nos resultados encontrados em análises prévias sobre asserções neutras em Porto Alegre e desgarramento em outras regiões do Brasil, como no Rio de Janeiro, por exemplo (SILVESTRE, 2017), buscamos verificar, a partir da análise de dados de desgarramento reproduzidos por porto-alegrenses, as características que singularizam o fenômeno nessa variedade regional. Nossas hipóteses são as descritas a seguir:

1) A existência de características prosódicas que singularizam as orações *desgarradas* em relação a outros padrões já investigados no PB, como o **alongamento das sílabas finais** e um **padrão ascendente**.

2) A observação de características regionais previamente descritas para a asserção neutra em Porto Alegre também em dados de *desgarramento*, como a **presença do tom H* na última sílaba tônica**.

3.1 Corpus

Para proceder a análise do desgarramento, utilizamos um corpus formado por orações adverbiais anexadas à oração matriz, isto é, não desgarradas, e orações adverbiais desgarradas totais, em que ambos os tipos eram lexicalmente idênticos, para que fosse possível comparar os parâmetros prosódicos, tal como Silvestre (2017) realizou para a variedade carioca.

As orações foram enviadas à duas informantes, através de slides, no qual havia, além de instruções detalhadas sobre o funcionamento do processo de gravação, contextos de fala que deveriam ser lidos antes da produção da sentença, visando a maior naturalidade possível, conforme exemplifica o trecho a seguir, extraído de Silvestre (2017):

[C: Há, na empresa em que trabalha, uma vaga para um novo funcionário, que nem todos acham necessário, mas Leandro, que é o chefe, procura e pediu. Pensando nisso, você comenta:]

Já que Leandro o procura, faremos o que foi pedido.

Para cada seleção lexical, contávamos com 4 tipos de sentenças, conforme ilustram os exemplos abaixo:

i) **Não desgarrada:** Se a Joelma ganhasse na loteria, ia fazer tudo isso.

ii) **Desgarrada:** Se a Joelma ganhasse na loteria...

iii) **Não desgarrada:** Se a Joelma ganhasse, ia fazer tudo isso.

iv) **Desgarrada:** Se a Joelma ganhasse..

Abaixo, elencamos algumas das outras sentenças não desgarradas e desgarradas utilizadas para a aplicação das gravações.

Não desgarradas:

1. Para ajudar os alunos esforçados, fazia todo o possível. / Para ajudar os alunos, fazia todo o possível.
2. Se o Ricardo desejasse o emprego, o grupo seria maravilhoso. / Se o Ricardo desejasse, o grupo seria maravilhoso.
3. Se o Diogo conseguisse o trabalho, tudo seria mais fácil. / Se o Diogo conseguisse, tudo seria mais fácil.
4. Quando o Fábio me chamasse ao escritório, não iria conseguir fazer mais nada. / Quando o Fábio me chamasse, não iria conseguir fazer mais nada.
5. Quando a Ana apontasse a janela, todos iam cantar. / Quando a Ana apontasse, todos iam cantar.
6. Quando Carla imagina as tragédias, sempre acha que o pior vai acontecer. / Quando a Carla imagina, sempre acha que o pior vai acontecer.
7. Já que Lázaro desejava o perigo, não adiantaria contrariar. / Já que o Lázaro desejava, não adiantaria contrariar.
8. Já que Leandro procura o empregado, faremos o que foi pedido. / Já que o Leandro o procura, faremos o que foi pedido.
9. Já que Marina gostaria dos enfeites, iremos providenciar. / Já que Marina gostaria, iremos providenciar.
10. Embora Carmen quisesse a recompensa, não poderia viajar naquele momento. / Embora Carmen quisesse, não poderia viajar naquele momento.
11. Embora Lúcia tentasse o resultado, nunca conseguia. / Embora Lúcia tentasse, não

conseguia o resultado.

12. Para conquistar a garota desejada, gastava mundos e fundos. / Para conquistar a garota, gastava mundos e fundos.

13. Para enviar os pedidos requeridos, fica acordada a noite toda. / Para enviar, fica acordada a noite toda.

Desgarradas:

1. Pra ajudar os alunos esforçados... / Pra ajudar os alunos...

2. Se o Ricardo desejasse o emprego... / Se o Ricardo desejasse...

3. Se o Diogo conseguisse o trabalho... / Se o Diogo conseguisse...

4. Quando o Fábio me chamasse ao escritório... / Quando o Fábio me chamasse...

5. Quando a Ana apontasse a janela... / Quando a Ana apontasse..

6. Quando Carla imagina as tragédias... / Quando a Carla imagina...

7. Já que Lázaro desejava o perigo... / Já que o Lázaro desejava...

8. Já que Leandro procura o empregado... / Já que o Leandro o procura...

9. Já que Marina gostaria dos enfeites... / Já que Marina gostaria...

10. Embora Carmen quisesse a recompensa... / Embora Carmen quisesse...

11. Embora Lúcia tentasse o resultado... / Embora Lúcia tentasse...

12. Para conquistar a garota desejada... / Para conquistar a garota...

13. Para enviar os pedidos requeridos... / Para enviar os pedidos...

Ao todo, foram coletadas 360 gravações, 180 de cada informante, das quais 21 foram descartadas, devido à qualidade do som, restando, assim, 339 dados para análise. Desses, 171 de orações não desgarradas e 168 de orações desgarradas.

Para o recorte das amostras – visando a eliminação de quaisquer ruídos – utilizamos o programa computacional *Audacity*. Feito este recorte, passamos à análise através do programa Praat, colocando em prática, para a notação prosódica e averiguação das pistas de duração, contorno melódico e gama de variação de F0 no fim do IP, o sistema P_TOBI, adaptado para o português por Viana e Frota (2007) e Frota (2014). De maneira geral, o sistema em questão nos é útil porque permite “o alinhamento do contorno de F0 a uma série de camadas” (SILVESTRE, 2017, p. 87), que são: i) anotação de eventos tonais; ii) transcrição ortográfica; e iii) anotação de

fronteiras prosódicas e comentários de análise (*idem, ibidem*). Ao longo da seção de resultados, a seguir, será possível observar exemplos de algumas das análises realizadas através do programa em questão, bem como o sistema de notação utilizado.

Após a verificação das cláusulas e seu comportamento diante dos contextos observados, traduzimos os resultados através de tabelas e gráficos, com auxílio do *software* de planilhas eletrônicas Excel, o que em muito facilitou a interpretação dos dados e a comparação com resultados prévios, como os da variedade carioca, por exemplo.

4 RESULTADOS

Nesta seção, serão apresentados e discutidos os resultados encontrados para o fenômeno do desgarramento na variedade observada neste trabalho. Em primeiro lugar, reuniremos os resultados das orações não desgarradas produzidas pelas duas informantes selecionadas. Posteriormente, na subseção 4.2, discutiremos o que fora encontrado para as orações desgarradas, observando tais resultados traduzidos, também, através de tabelas e gráficos. Ao longo das duas seções a seguir, teceremos breves comparações com os resultados encontrados por Silvestre (2012; 2017) para a variedade carioca e para o PB, respectivamente, tendo em vista o nosso objetivo de verificar o que, no dialeto aqui pesquisado, singulariza o desgarramento em relação a outros padrões já pesquisados. A partir disso, poderemos, então, sintetizar nossos principais resultados e traçar algumas conclusões acerca da pesquisa para esta variedade regional.

4.1 As orações não desgarradas na variedade porto-alegrense

No que diz respeito à pista prosódica de frequência fundamental (F0), Silvestre (2017) encontrou, para a variedade carioca, o percentual de 49% de ocorrência do acento bitonal L+H* no início de orações não desgarradas e o acento bitonal, H+L* associado à última sílaba tônica dos IPs, com tom de fronteira majoritariamente baixo (L%). A autora aponta que tais resultados conferem com os padrões melódicos que caracterizam a asserção neutra na maioria das variedades brasileiras, conforme atestam as literaturas da área (CUNHA, 2000; TENANI, 2002; SILVESTRE, 2012 etc.).²

² É importante ressaltar que, apesar de formarem os padrões melódicos de asserções neutras e questões totais, tais contornos melódicos não se confundem com perguntas ou afirmações neutras, uma vez que há clara necessidade de complementação posterior, o que confere a ideia de continuidade.

Na pesquisa realizada para o desgarramento no PB, Silvestre (2017) aponta que a pista acústica de pausa foi realizada de maneira consistente para apenas uma das cinco informantes, que apresentou como contorno melódico mais frequente a notação L+H*L%. Com fronteira alta, a informante que mais produziu o padrão L+H*H% não apresentou produtividade para a pista acústica em questão, ou seja, não delimitou com pausa nenhum dos IPs.

No que tange aos resultados de contorno melódico para Porto Alegre, nossa análise verificou a ocorrência de tom predominantemente baixo no início do enunciado, seguido de tom bitonal (LH*) associado à sílaba tônica final, e fronteira alta (H%) na maioria das ocorrências da informante 2 (64%), enquanto, para a informante 1, houve também frequência significativa de fronteira bitonal (HL%) (85%), diferentemente do que ocorre para a variedade carioca, conforme mencionado anteriormente, na qual prevalece o contorno melódico L+H*L% em orações adverbiais anexadas formalmente à matriz. As imagens abaixo ilustram os padrões encontrados, e a tabela 1, em seguida, sintetiza as informações descritas acima:

Figura 2: [Se a Joelma ganhasse ia fazer tudo isso]. *Não desgarrada* em POA, informante 2.

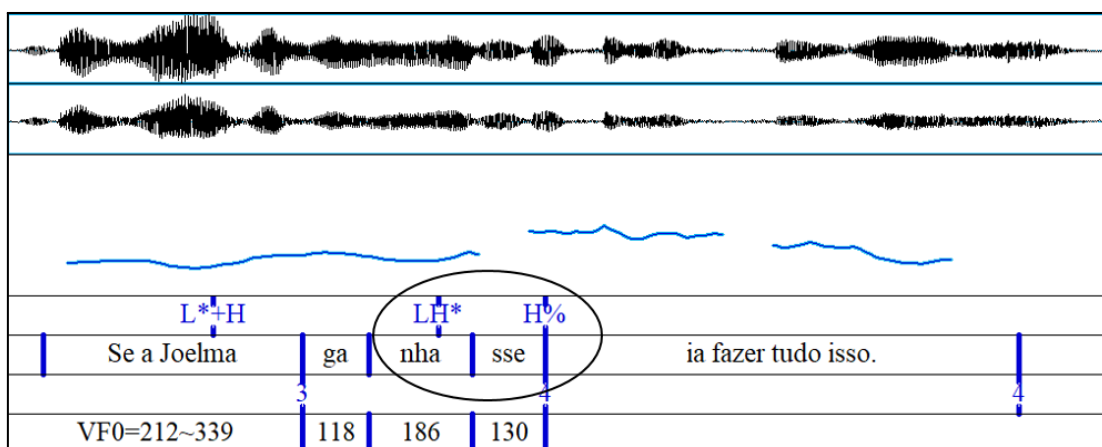


Figura 3: [Se a Joelma ganhasse ia fazer tudo isso]. *Não desgarrada* em POA, informante 1.

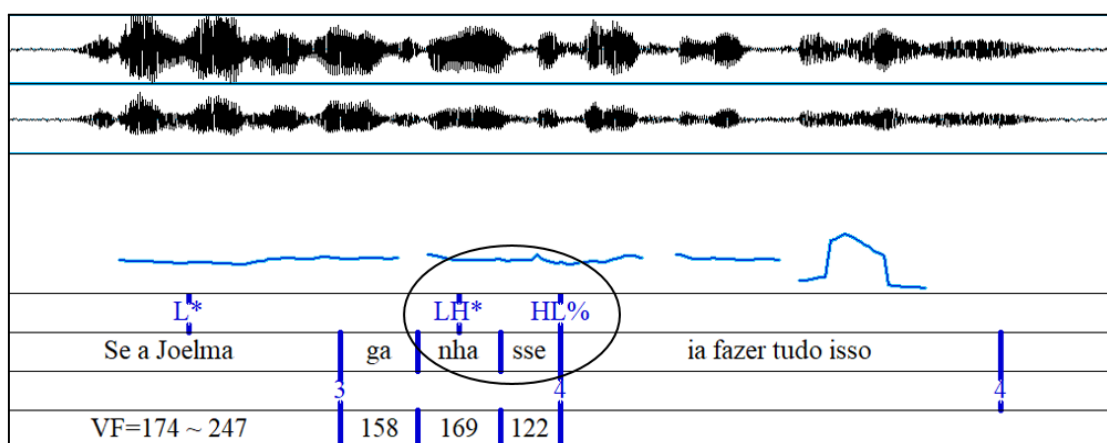


Tabela 1: contornos finais predominantes em cláusulas *não desgarradas* em POA, informantes 1 e 2.

CLÁUSULAS NÃO DESGARRADAS	LH*H%	H+L*L%	LH*HL%	H+L*LH%
Inf. 1	11 (13%)	2 (2%)	74 (85%)	0 (0%)
Inf. 2	54 (64%)	9 (11%)	18 (21%)	3 (4%)
TOTAL	65	11	92	3
(%)	(38%)	(6%)	(54%)	(2%)

A segunda pista prosódica investigada foi a duração, que, como já discutido ao longo deste trabalho, apresenta-se como um fator muito saliente para singularizar a ocorrência do desgarramento. Sua análise se deu através da observação da duração das 3 sílabas finais da última palavra do IP na qual a adverbial se realizava. Para as orações não desgarradas, sua ocorrência nos mostrou que a duração da pós-tônica é, em média, menor do que a tônica (22% e 23%, respectivamente), e, em geral, ligeiramente maior que a pretônica (em 4%), o que já era padrão esperado, semelhante ao que ocorre na variedade carioca.

Tabela 2: duração média em cláusulas *não desgarradas* em POA, informantes 1 e 2.

DURAÇÃO MÉDIA DAS SÍLABAS DA MELODIA MÍNIMA – NÃO DESGARRADAS			
	pretônica	tônica	postônica
Inf.1	18	23	22
Inf.2	19	23	22
Média	18,5	23	22

Por fim, a última pista prosódica analisada para as não desgarradas, isto é, a gama de variação de F0, nos mostrou que, assim como observado por Silvestre (2017) para o Rio de Janeiro, não houve diferença significativa entre a F0 máxima e a F0 mínima de orações desgarradas e não desgarradas, não parecendo este ser um fator relevante para a caracterização do fenômeno do desgarramento nessas duas variedades do PB.

Tabela 3: média da variação de F0 na melodia mínima em cláusulas *não desgarradas* em POA, informantes 1 e 2.

MÉDIA DA VARIAÇÃO DE F0 NA MELODIA MÍNIMA - NÃO DESGARRADAS		
	F0 mín.	F0 máx.
Inf. 1	173	294
Inf. 2	175	273
Média	174	283,5

4.2 As orações desgarradas na variedade porto-alegrense

Feitos os levantamentos acerca dos resultados encontrados para as orações não desgarradas, procederemos agora à observação da análise do desgarramento no âmbito de Porto Alegre, fazendo uso dos resultados descritos previamente para as orações anexadas à matriz, para a variedade carioca e para o PB (SILVESTRE, 2012; 2017), em geral, para fins de contraste com o nosso objeto de pesquisa.

Para a pista prosódica de contorno melódico, é interessante observar que a primeira informante se utiliza, majoritariamente, de contornos diferentes para as orações desgarradas e não desgarradas. Nas não desgarradas, observa-se o contorno LH*HL%, ou seja, dois tons complexos, com uma descida melódica na fronteira do IP, enquanto para as desgarradas, é predominante a produção do contorno LH*H%. A segunda informante, no entanto, utiliza o contorno melódico LH*H% de forma majoritária tanto para as desgarradas quanto para as não desgarradas, característica presente também nos resultados de Silvestre (2017) para uma de suas cinco informantes, o que a autora relaciona à falta de pausa entre as orações, ressaltando que são necessários mais estudos para a comprovação desta hipótese.

Figura 4: [Quando Carla imagina sempre acha que o pior vai acontecer]. *Não desgarrada* em POA, informante 1.

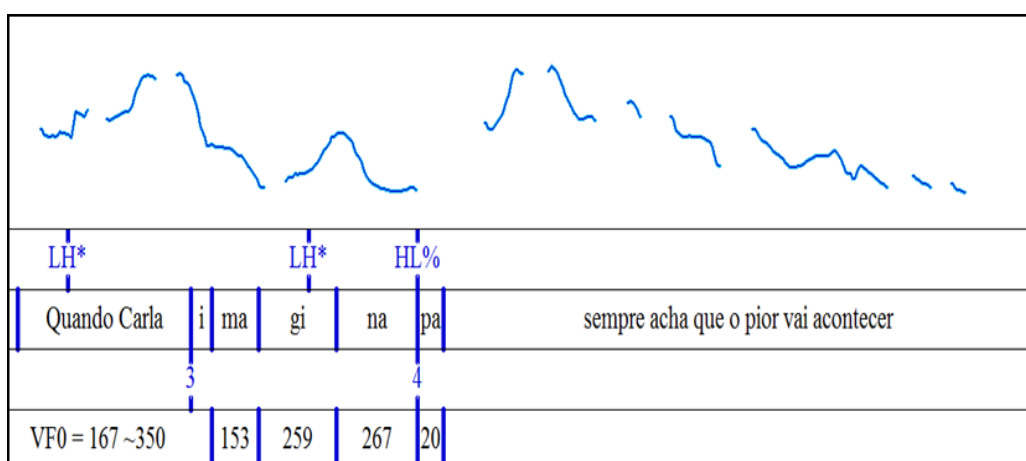


Figura 5: [Quando Carla imagina]. *Desgarrada* em POA, informante 1.

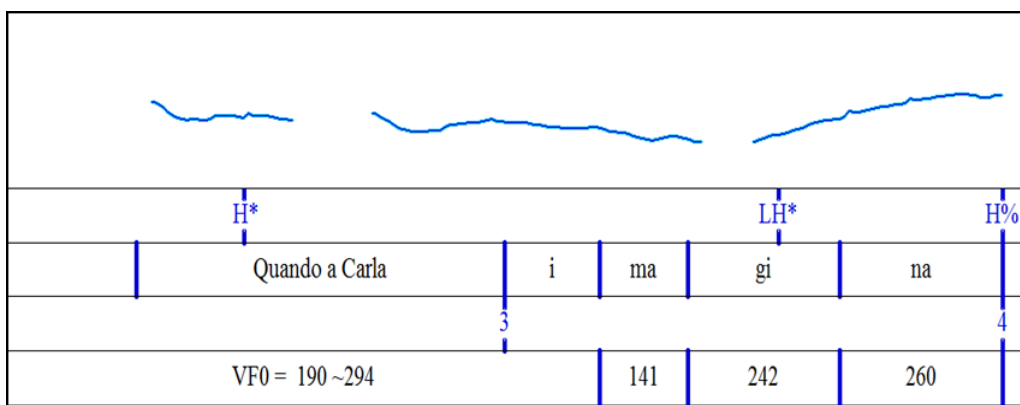


Figura 6: [Já que o Leandro procura faremos o que foi pedido]. *Não desgarrada* em POA, informante 2.

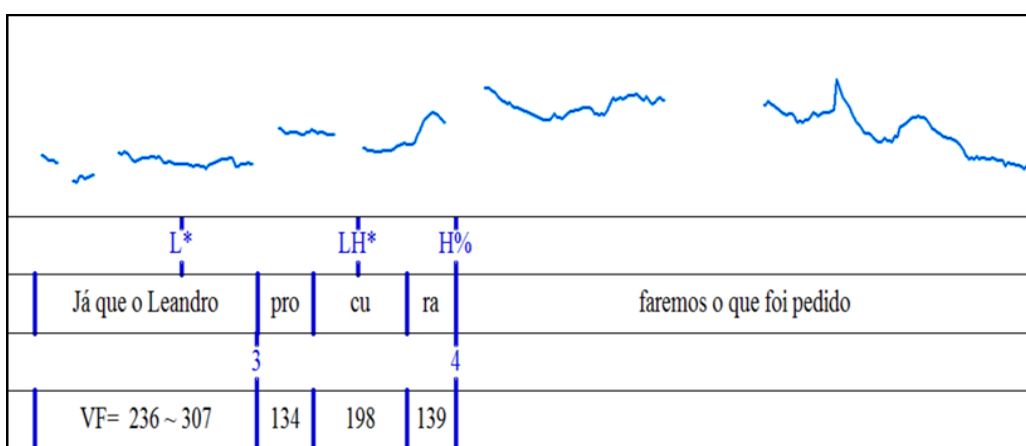
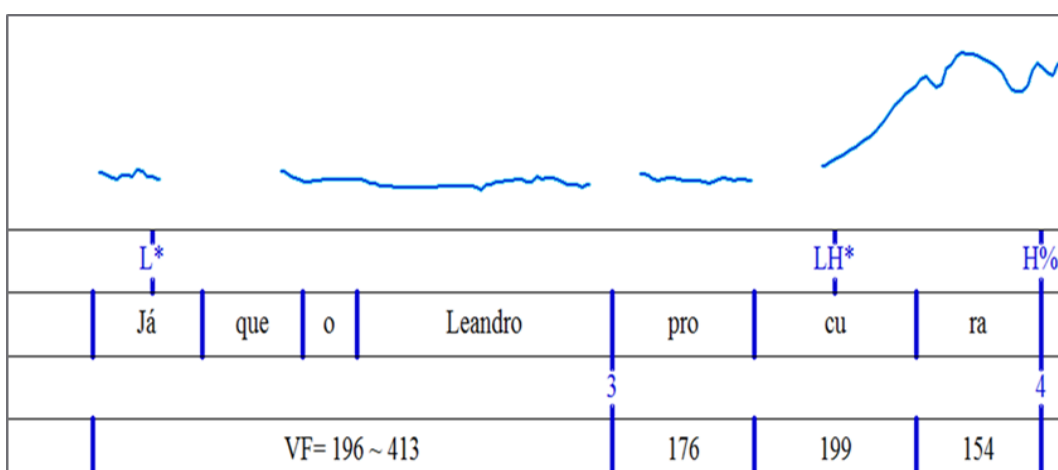


Figura 7: [Já que o Leandro procura]. *Desgarrada* em POA, informante 2.



Outrossim, o fato de ter havido bastante produtividade do contorno melódico utilizado também para as orações não desgarradas, contorno esse que apresenta um tom H* na última sílaba tônica – e já descrito em outros estudos para essa mesma variedade regional –, reitera o fato de que este pode ser um fator saliente no falar gaúcho.

A tabela a seguir sintetiza os resultados obtidos para a pista prosódica de contorno melódico nas produções de cláusulas desgarradas feita pelas duas informantes:

Tabela 4: contornos predominantes em cláusulas *desgarradas* em POA, informantes 1 e 2.

CLÁUSULAS DESGARRADAS	LH*H%	H+L*L%	LH*HL%	L+H*L%	H+L*LH%
Inf. 1	49 (60%)	8 (10%)	25 (30%)	0 (0%)	0 (0%)
Inf. 2	61 (71%)	0 (0%)	8 (9%)	3 (4%)	14 (16%)
TOTAL	110	8	33	3	14
(%)	(65%)	(5%)	(20%)	(2%)	(8%)

Os resultados de duração mostraram-se como um dos mais relevantes para a caracterização do fenômeno, pois, através dos resultados dessa pista prosódica, observou-se um fator que diferencia as desgarradas das não desgarradas. As durações das sílabas postônicas nas desgarradas tiveram performance, em média, maior que a duração das sílabas postônicas (26% e 28%, respectivamente), para ambas as informantes, bem como uma porcentagem de 7% acima do que fora observado para as não desgarradas, o que indica ser esse um fator preponderante.

Tabela 5: duração média em cláusulas *desgarradas* em POA, informantes 1 e 2.

DURAÇÃO MÉDIA DAS SÍLABAS DA MELODIA MÍNIMA - DESGARRADAS			
	pretônica	tônica	postônica
Inf.1	18	28	31
Inf.2	15	24	25
Média	16,5	26	28

Por fim, a última pista prosódica analisada para as orações desgarradas foi a gama de variação de frequência fundamental. Como mencionado anteriormente, na seção de análise dos resultados das não desgarradas, não houve diferença significativa entre a F0 máxima e a F0 mínima de orações desgarradas e não desgarradas, tendo sido a diferença de um para o outro de apenas 3%, como indica a tabela a seguir. Em razão disso, podemos assumir que este não parece ser um fator que singularize o fenômeno aqui estudado.

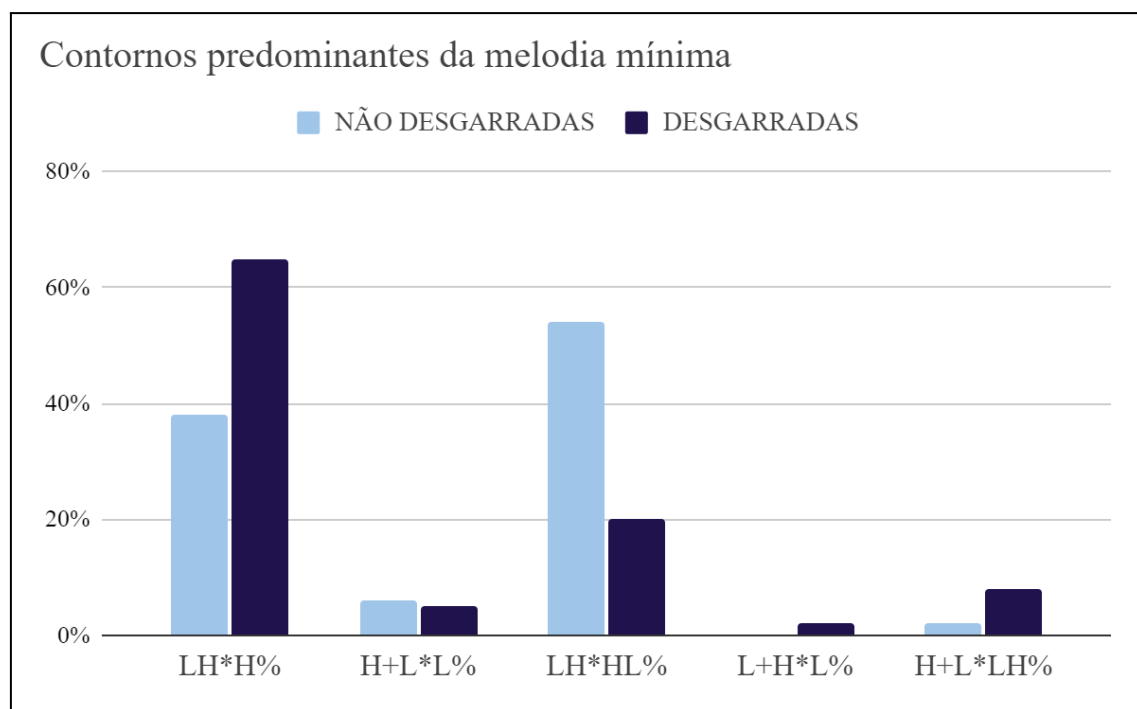
Tabela 6: média da variação de F0 na melodia mínima em cláusulas *desgarradas* em POA, informantes 1 e 2.

MÉDIA DA VARIAÇÃO DE F0 NA MELODIA MÍNIMA - DESGARRADAS		
	F0 mín.	F0 máx.
Inf. 1	182	330
Inf. 2	186	305
Média	184	317,5

4.3 Delimitação dos resultados: conclusões acerca do desgarramento na capital gaúcha

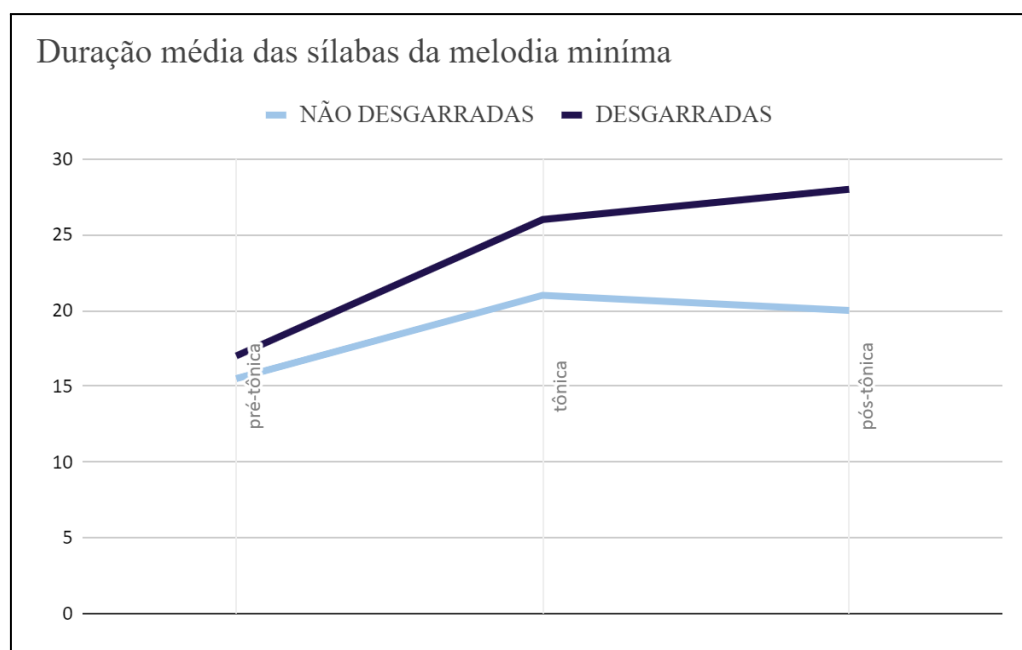
Com o que foi analisado, chegamos ao padrão fonológico LH*H% na melodia mínima da estrutura sintática do desgarramento no PB, característico do Rio de Janeiro e de Porto Alegre, que é diferente do que se observa nas orações anexadas à matriz, e se revela pela subida melódica até o fim do enunciado. Entretanto, cabe mencionar que o mesmo contorno predominante em orações não desgarradas de POA (LH*HL%) foi também produtivo em dados gaúchos de desgarramento da informante 1 (gráfico 1), e que o contorno L+H*H% é predominante nos dados produzidos pela informante 2 (desgarrados ou não), o que vai ao encontro de nossa segunda hipótese e pode ser indicativo de característica regional, já descrita em outros trabalhos (CUNHA, 2005; SILVESTRE, 2012), a ser mais bem investigada em pesquisas futuras.

Gráfico 1: contornos predominantes da melodia mínima



Além disso, nos dados da capital gaúcha, é predominante o alongamento das sílabas finais (postônicas) nas orações desgarradas produzidas por ambas as informantes (gráfico 2) e, no geral, tais orações foram majoritariamente caracterizadas por um padrão melódico ascendente no fim do IP (LH*H%), fato também observado por Silvestre (2017) para o Rio de Janeiro, ao passo que, as asserções neutras, pesquisadas por outros estudiosos para a variedade de POA, como já discutido, mostram também uma sílaba tônica alta (H*) seguida de uma descida melódica ao final da última sílaba do IP. Tais resultados reiteram o fato de que há características regionais que se sobrepõem à caracterização sintática.

Gráfico 2: duração média das sílabas da melodia mínima



Tendo em vista a discussão desta seção de resultados, nossa análise do desgarramento em Porto Alegre revelou que, assim como mencionado em nossas hipóteses, parece haver também nessa variedade características prosódicas que singularizam as orações desgarradas em relação a outros padrões já investigados no PB, sendo elas, com base nas investigações aqui esmiuçadas, o contorno melódico final e a duração das sílabas postônicas em relação às sílabas tônicas e às orações não desgarradas.

Almeja-se, como propósito de futuro próximo, aprofundar a caracterização do desgarramento em POA, através da análise de dados de mais três informantes, a fim de que os resultados encontrados até agora possam ser mais bem fundamentados e de que os dados sejam totalmente comparáveis com os já descritos para a variedade carioca. Além disso, intenta-se o estudo das características prosódicas do desgarramento em dados das outras capitais da região sul do país, a fim de prosseguir com o projeto de “Prosódia regional e a interface fonologia-sintaxe: orações desgarradas em dialetos do PB”, e continuar contribuindo para os estudos prosódicos de tais estruturas linguísticas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo intentou analisar cláusulas cunhadas pela corrente linguística funcionalista como desgarradas, cuja principal característica é o fato de, sendo chamadas de adverbiais e, portanto, subordinadas, pela perspectiva da gramática tradicional, figuram tanto na língua escrita quanto na falada de maneira independente de uma cláusula principal. Nesse sentido, nosso foco de estudo foi um tipo de desgarrada, chamada total, a qual não há possibilidade de recuperar quaisquer orações principais. A noção de dependência deriva do contexto semântico-pragmático.

Nesse sentido, após introdução acerca das principais questões vinculadas ao fenômeno, passamos à primeira seção, voltada à breve revisão da literatura no que diz respeito ao tema. Em seguida, nos debruçamos sobre a fundamentação teórica do fenômeno pesquisado, passando pelas teorias fonológicas de base, – as fonologias prosódica e entoacional – para, posteriormente, discutirmos brevemente alguns trabalhos da área cujos resultados têm contribuído para o estudo do desgarramento.

Em terceiro lugar, na seção de metodologia, abordamos o corpus e seu processo de análise, especificando como se deram as investigações e análises das gravações realizadas por duas informantes de Porto Alegre. Enfim, na quarta seção, realizamos a descrição dos resultados encontrados para as orações não desgarradas e desgarradas na variedade porto-alegrense, comparando-os aos resultados previamente encontrados para as asserções neutras nessa mesma variedade, bem como para o dialeto carioca (SILVESTRE, 2012) e para o português brasileiro, de modo geral, em Silvestre (2017). Tais resultados legitimam nossas hipóteses acerca da existência de características prosódicas que singularizam as orações desgarradas em relação a outros padrões já investigados no PB, como demonstrado através da significativa produtividade do alongamento das sílabas finais e de um padrão ascendente no fim do IP. Além disso, os resultados encontrados serviram para ratificar a presença de um tom H* na última sílaba tônica do IP, fato que já fora encontrado para dados de asserção neutra em estudos como os de Cunha (2005).

Portanto, o trabalho de investigação do fenômeno em questão tem gerado resultados relevantes para o mapeamento e construção de estatísticas para essa área do conhecimento. O nosso foco de estudo, isto é, as desgarradas totais, ainda tem mostrado ser uma área relativamente pouco povoada. Logo, pesquisas como esta são importantes

não só em termos de observação e descrição de dados e hipóteses, mas também, no que diz respeito ao ensino. A área educacional, lamentavelmente, ainda carece de profissionais que olhem para o ensino de língua, especialmente Língua Portuguesa, de maneira crítica, ensinando gramática de forma contextual, social e reflexiva. Em relação a isso, pensando-se no contexto aqui estudado, que são as orações desgarradas, ainda vemos, com frequência, professores que estão alheios à variação linguística, à mutabilidade da língua e à plasticidade dos conceitos gramaticais. Isto posto, como evidenciam alguns trabalhos da área, temos a correção de orações desgarradas em produções escritas de estudantes no ensino básico com uma visão muito voltada para a questão em termos de desvio/erro, justamente por ser pouco trabalhado a dimensão da importância do caráter questionador acerca das gramáticas tradicionais. Baseadas em um compêndio de regras – não entrando no mérito da indiscutível relevância da GT – enrijecidas e pautadas nos aspectos formal e sintático, é ainda pouco comum o olhar para o contexto pragmático-discursivo, o que acaba por fortalecer essa visão determinista do fenômeno. Assim, é sempre importante reiterar, com base em argumentos, ou seja, ciência, que o uso das desgarradas, seja na fala ou na escrita, segue regras internas de funcionamento, não acontece de maneira desordenada, mas obedece à parâmetros fonéticos, fonológicos e prosódicos, estando, portanto, à serviço de processos funcionais do discurso.

REFERÊNCIAS

BARONI, G. C.; RODRIGUES, V. V. Insubordinação: uma proposta funcionalista para o estudo de (des)articulação de cláusulas. **Revista do GEL**, v. 18. n. 3, p. 285-310, 2021. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

BASTOS, K. O. Uso desgarrado de cláusulas hipotáticas circunstanciais em produções textuais da escola: certo ou errado, professora? *In*: RODRIGUES, V. V. (Org.). **Desgarramento de cláusulas em português: usos e descrições**. São Paulo: Blucher, 2019. p. 13-37.

CASTELO, J. **A entoação dos enunciados declarativos e interrogativos no português do Brasil: uma análise fonológica em variedades ao longo da Costa Atlântica**. 2016. Tese (doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016.

CHAFE, W. L. The deployment of consciousness in the production of a narrative. *In*: CHAFE, W. L. (Ed.) **The pear stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production**. Norwood: Ablex, 1980.

CUNHA, C. S. **Entoação regional no português do Brasil**. 2000. Tese (doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

CUNHA, C. S. Atlas linguístico do Brasil: uma análise das questões de prosódia. *In*: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. M. (Org.). **Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. 1 ed. Salvador: Editora Quarteto, 2005. v. 1, p. 187-205.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 6 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

DECAT, M. B. N. Por uma abordagem da (in) dependência de cláusulas à luz da noção de “unidade informacional”. **Scripta**, v. 2, n. 4, p. 23-28, 1999.

DECAT, M. B. N. **Estruturas desgarradas em Língua Portuguesa**. Campinas: Pontes Editora, 2011.

FROTA, S. **Prosody and focus in European Portuguese: phonological phrasing and intonation**. New York: Garland Publishing, 2000.

FROTA, S. The intonational phonology of European Portuguese. *In*: JUN, S-A. (Ed.). **Prosodic typology II**. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 6-42.

GONÇALVES, A. C. B. **Evidências prosódicas para o tratamento de estruturas desgarradas como estratégia de focalização**. 2020. Monografia (graduação) –

Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11422/10261>.

LADD, R. **Intonational phonology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

NESPOR, M.; VOGER, I. **La prosodia**. Madrid: Visor Distribuciones, 1994.

PIERREHUMBERT, J. **The phonology and phonetics of English intonation**. PhD Thesis. Massachusetts: M.I.T., 1980.

SILVESTRE, A. P. S. **A entoação regional dos enunciados assertivos nos falares das capitais brasileiras**. 2012. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SILVESTRE, A. P. S. “**Se eu pudesse e se o meu dinheiro desse...**”: desgarramento e prosódia no português brasileiro e no português europeu. 2017. Tese (doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SILVESTRE, A. P. S. “Quando a Carla imagina...”: contribuições da prosódia para o estudo do desgarramento sintático. *In*: DUARTE, M. E. L.; BRANDÃO, S. F.; RODRIGUES, V. V. (Org.). **Seleção de pesquisas em Língua Portuguesa 2017-2018**. Rio de Janeiro: Letras/UFRJ, 2018. p. 285-314.

SILVESTRE, A. P. S. **Aspectos prosódicos de estruturas desgarradas em língua portuguesa**. Campinas: Editora da Abralín, 2021.

TENANI, L. E. **Domínios prosódicos do português do Brasil**: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos. 2002. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

TENANI, L. E. Fonologia prosódica. *In*: **Verbetes LBASS**, 2022. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/index.php?web=lbass&lang=1&page=4090&menu=&tipo=1

VIANA, M. C.; FROTA, S. (Colab.). **Towards a P_ToBI**. 2007. Disponível em: <http://labfon.letras.ulisboa.pt/SonseMelodias/P-ToBI/P-ToBI.htm>